

Como é que a bioeconomia se pode traduzir numa vantagem competitiva?

25 de Fevereiro, 2021

*Como é que a aposta e a abordagem na bioeconomia circular se tem traduzido ou se traduz numa vantagem competitiva? Esta foi uma das questões levantadas na “Conversas sobre Sustentabilidade”, promovida pelo **BCSD** (Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável).*

O grupo Jerónimo Martins tem a bioeconomia no centro das preocupações e conta já com um trabalho vasto nestas matérias. Quem o diz é **Fernando Ventura**, head of efficiency and innovations environmental projects do grupo, sustentando que uma empresa tem que perceber que, para além das vendas, é necessário olhar para a origem dos recursos naturais: “De onde é que vêm, como é que são produzidos ou quais as limitações dos ecossistemas para continuar a produzir esses serviços e bens”. Portanto, “traduzir essa informação em riscos e oportunidades” é um processo que o grupo assegura: “Olhamos para a cadeia de abastecimento e identificamos os principais riscos e oportunidades e, a partir daí, o processo ainda que doloroso desenvolve-se”, refere. Um bom exemplo disso é o “desperdício alimentar”, onde a missão da empresa passa, essencialmente, por “democratizar o acesso aos alimentos com enorme foco na eficiência”, reconhecendo que “os impactos ambientais estão, acima de tudo, na cadeia de abastecimento e não tanto nas operações”. Por isso, a maioria das ações do grupo estão muito viradas para a cadeia de abastecimento, declara o responsável, destacando que, hoje em dia, o maior problema do setor primário tem que ver com a falta de escoamento dos chamados “legumes feios”. Por isso, o grupo Jerónimo Martins em parceria com os fornecedores desenvolve “novas soluções e processos”, de forma a “integrar” esses bens em produtos onde “os consumidores não veem a fiabilidade destas matérias-primas”, como é o caso das “saladas prontas a consumir”, dos “preparados para sopas” ou das “refeições prontas”. E, segundo Fernando Ventura, este conjunto de soluções permite escoar cerca de 13 mil toneladas destes produtos. Além disso, o grupo também estende estas ações ao setor primário, onde atua com a criação de gado bovino, passando a incorporar os “legumes feios” na alimentação dos animais. Em 2019, o grupo permitiu “incorporar 9 mil toneladas”, avança o responsável, destacando as vantagens acrescidas para os produtores que “conseguem escoar os produtos e têm vendas e receitas adicionais”, ao mesmo tempo que, os animais beneficiam também de uma alimentação rica.

A questão da bioeconomia parte assim da ação interna da empresa: “Ao reconhecerem os riscos e ao identificarem as oportunidades de facto consegue-se construir parcerias no sentido de materializar os desafios da bioeconomia no dia-a-dia dos negócios”, refere. Por outro lado, atenta, esta questão exige a “criação de novos processos que não substituem os anteriores”, isto é “práticas adicionais face a tudo aquilo que já existia”.

[Substituição de forma efetiva do PCC tradicional]

Na The Navigator Company a bioeconomia é algo que faz, igualmente, parte do ADN da empresa. De acordo com **Laura Costa**, responsável pela área de ambiente da empresa, todos os materiais que utilizam na produção de produto têm sempre como princípio a “utilização de produtos menos perigosos para o ambiente e para as pessoas”. A tudo isto, segundo a responsável, acresce a “recuperação” e a “reutilização” de todos os “subprodutos” que são gerados no processo industrial: “É nesta lógica de recuperação interna que todos os materiais orgânicos que resultam dos processos de produção são utilizados em produção de energia, a partir de biomassa, evitando assim a emissão de milhares toneladas de CO2 para atmosfera”.

Usando desta premissa, a empresa tem a necessidade de dar destino a alguns materiais que são produzidos. Sendo classificados como resíduos, estes são objeto de valorização energética ou, no caso de serem resíduos orgânicos, de valorização a partir de processos de compostagem. Tratando-se de “materiais inorgânicos”, o objetivo é outro: “criar simbioses” com outras indústrias que permitam substituir os materiais fósseis pelos resíduos. Daí que, em 2019, a Navigator levou a cabo uma ação que permitiu a substituição, de forma efetiva, do PCC tradicional (carbonato de cálcio precipitado), utilizado habitualmente na produção dos papéis de impressão e escrita.

A segunda conversa, da segunda temporada das “Conversas sobre Sustentabilidade”, centrou-se no tema “Bioeconomia Circular: inovar para uma economia sustentável”.